



EBRAPEM027

Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática



MEMÓRIAS DA DOCÊNCIA EM MATEMÁTICA: LUTAS E RESISTÊNCIAS NO TEMPO PRESENTE

Ledevande Martins da Silva¹

GD n° 5 – História da Matemática/Educação Matemática

Resumo: Este artigo é parte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento, partimos da memória intergeracional crítica de docentes de Matemática no tempo presente, objeto este da nossa investigação, na construção das suas trajetórias da docência (formação, inserção e atuação profissional). Diante disso, temos a pergunta de pesquisa, que compreensões emergem em torno da trajetória formativa de professores que ensinam Matemática, por meio de suas memórias narrativas críticas em formas de anunciações e enunciações, na (re)construção das histórias da docência a partir de suas experiências de formação, inserção e desenvolvimento profissional docente. O objetivo desta investigação é entender a constituição da trajetória profissional docente, levando-se em consideração a perspectiva crítica dos participantes, de maneira que possam realizar uma reflexão-afetivo-crítica com memórias narrativas da docência em Matemática com lutas e resistências no tempo presente. Como fundamentação teórica trazemos a abordagem conceitual da memória com ênfase na intergeracionalidade em Maurice Halbwachs, Joël Candau e Paulo Freire. Para tanto, realizamos entrevistas semiestruturadas com 8 docentes que ensinam Matemática da região da Paraíba e Pernambuco nascidos nos anos compreendidos entre 1970 e 1985. A análise dos dados dessa investigação é baseada no materialismo histórico-dialético para as três vertentes de memórias inspirado em Ecléa Bosi: memória da formação, memória-política e memória do trabalho adaptado ao campo da docência. Ao final da tese, almejamos contribuir para a construção teórica e metodológica nas dimensões: histórica, social, política e cultural das investigações que utilizam as memórias narrativas acerca da constituição, inserção e desenvolvimento profissional docente para uma formação crítica.

Palavras-chave: Memória intergeracional. Docência em Matemática. Tempo presente. Materialismo histórico.

INTRODUÇÃO

Há na História do Brasil, mais tempo de autoritarismo à democracia. Diante desse contexto, como pensar o passado recente com docentes da região da Paraíba e Pernambuco do período pós-regime autoritário, nascidos nos anos compreendidos entre 1970 e 1985, e construir memórias a partir do presente na expectativa de emergir consciência crítica, histórica e social com docentes de Matemática pertencente à classe trabalhadora em educação oriundos das camadas populares na perspectiva memorialística da intergeracionalidade crítica.

Existe um legado de educação com viés colonialista, tecnicista e militarista como foram registrados em trabalhos já defendidos na área educacional de modo geral; e, mais recentemente, eis que surge o fenômeno do *coachismo* educacional impregnado de um certo amadorismo

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED; Doutorado em Educação; ledevande.martins@gmail.com; orientadora: Profa. Dra. Marlúcia de Menezes Paiva.

pedagógico (autoajuda, meritocracia, etc) sob a égide do capitalismo na sua forma mais avançada (neoliberalismo). Essas marcas estão impressas, isto é, faz parte da memória das experiências dos sujeitos que estudaram, se formaram e atuam na docência nesse período da virada do século XX para o XXI. A partir desse contexto, impulsionou-nos e fez-nos despertar a atenção para o fato de que acontecimentos marcantes podem influenciar a formação de professores de um modo geral, e no nosso caso mais específico, daqueles que ensinam Matemática.

A contextualização do aspecto político e social para uma formação atual e crítica de docentes foi posta de forma emblemática sugerindo possibilidades de estudos de gênero, questões étnico-raciais, crítica ao capitalismo, dentre outras narrativas que podem fazer parte da constituição e construção representacional de professores que ensinam Matemática. Estas reflexões nos fazem pensar que há marcas democráticas entre a articulação do conhecimento matemático com temática social, econômica, política e cultural; e retrocessos antidemocráticos quando as narrativas revelam preconceito, discriminação, exclusão, opressão e exploração que podem influenciar o processo de (des)profissionalização docente dependendo da ordem dos acontecimentos.

Essa proposta se diferencia consideravelmente de uma educação para o mercado que enxerga a escola e a universidade como empresas. Por isso, a memória intergeracional precisa ser mais investigada com a segunda geração pós-regime militar na área educacional. O Estado brasileiro promoveu educação domesticadora, opressora e de cunho empresarial a partir das décadas de 1970 e 1980 do século XX e nas primeiras décadas do século XXI; bem como ocorrera exclusão escolar (estudantes que ficaram fora da escola) e conseqüentemente, desprofissionalização docente da Educação Básica que foram perdendo reconhecimento e prestígio social com remunerações cada vez mais ínfimas, além da falta de infraestrutura no ambiente escolar.

Uma das motivações que nos levou a ter interesse por essa temática das memórias narrativas da docência em Matemática diz respeito a realização desta pesquisa acerca da formação, inserção e atuação docente de modo que possamos contribuir para a emancipação humana. A partir dessa intencionalidade, chegamos a seguinte pergunta de pesquisa: *Que compreensões emergem em torno da trajetória formativa de professores que ensinam Matemática, por meio de suas memórias narrativas críticas em formas de anúncios e enunciações, na (re)construção das histórias da docência a partir de suas experiências de formação, inserção e desenvolvimento*



profissional docente? Quais as contribuições da memória intergeracional crítica da docência em Matemática mediante as lutas e resistências no tempo presente para a Educação Matemática?

Com isso, objetivamos entender a constituição da trajetória profissional desses docentes, levando-se em consideração a emergência de anunciação e enunciação crítica dos participantes dessa investigação. Desta maneira, com as memórias narrativas da docência em Matemática há possibilidades de realização de processos reflexivo-afetivo-críticos mediante a (re)construção dessas memórias narrativas ao emergir experiências de lutas e resistências na formação e no trabalho docente. Por fim, após a concretude dos textos produzidos, esse material passa a orientar as análises e interpretações dessas histórias da docência no tempo presente.

REVISÃO SELETIVA DE LITERATURA

Para realizarmos esse intento, optamos por uma revisão de literatura do tipo revisão seletiva (YIN, 2016, p. 57):

(...) que ocorre depois que você decidiu provisoriamente o que estudar. A revisão seletiva deliberadamente visa a outros estudos que parecem cobrir um terreno semelhante e ajuda a definir seu novo estudo de uma maneira mais sutil, estabelecendo um nicho para seu novo estudo.

Com isso, levantamos uma bibliografia que identifica rapidamente as obras mais relevantes ao estudo proposto, tendo como lócus a Biblioteca de Pesquisa Científica *Online* da SciELO e o google acadêmico com duas tipologias de pesquisas correlacionadas: o primeiro grupo constituído de artigos em revistas especializadas e *e-books* que abordam a temática da Memória Intergeracional Crítica em áreas consideradas afins de Ensino e Formação Crítica de Professores. E, por último, um artigo isolado acerca da educação e o pensamento *coach* para dar conta dos nossos pressupostos iniciais de investigação no campo da “Memória Intergeracional Crítica” para a formação de professores que ensinam Matemática no tempo presente.

Dentre os resultados dessa revisão seletiva de literatura, destacamos não termos encontrado na área da História da Educação Matemática pesquisas propriamente ditas com memória intergeracional crítica. Na área da pesquisa educacional e de formação de professores no Brasil, apenas o grupo de professores e pesquisadores da região do Estado de Minas Gerais (Diamantina, São João del-Rei, Ouro Preto e Belo Horizonte) com os estudos de Mattos e Caetano (2018; 2019), Mattos (2020), Castro (Org.) (2020) e Caetano (Org.) (2021) que incorporaram esse conceito



teórico nos seus estudos de visada memorialística perspectivada para a formação crítica de professores. E quanto à crítica da educação neoliberal com o desenvolvimento do pensamento *coach* (amadorismo pedagógico) destacamos o trabalho de Grillo e Grandó (2021) que tratam da ludopolítica e do fenômeno educacional do *coachismo* de interesse empresarial que poder-se-á responder mais perceptivelmente à memória intergeracional crítica no tempo presente na análise concreta da realidade da educação brasileira contemporânea.

Enfatizamos também nessa revisão seletiva de literatura, poderemos constatar que na área de Educação Matemática não encontramos trabalho quer seja de dissertação, tese ou artigo científico que aborde explicitamente a “memória intergeracional crítica” ou “pós-memória” e nenhum trabalho na perspectiva da formação de professores que ensinam Matemática com essa noção teórica. Contudo, há denúncias e anúncios em forma de pensamento crítico por parte das investigações que levantamos sobre a temática da memória de segunda geração e dos docentes entrevistados com narrativas críticas a serviço da solidariedade humana, libertação substantiva e justiça social. Destarte, essas investigações estão reivindicando a visada memorialística intergeracional crítica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Abordagem Teórica Conceitual acerca da Memória Intergeracional Crítica

A temática da memória vem despertando o interesse em diversos campos do saber e pode adquirir diversas acepções e profundidades. No sentido filológico do dicionário Houaiss e Villar (2009) destacamos os significados mais relevantes do termo, tais como: memória como a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados (ideias, impressões e conhecimentos) e tudo quanto se ache associado aos mesmos (memória cognitiva); aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, recordação, reminiscência, rememoração (memória pessoal/coletiva) ou ainda tudo aquilo que é considerado como pertencente ao acervo histórico e cultural de um povo ou grupo social (memória social/cultural). Esta última acepção, faz parte do patrimônio histórico e cultura de uma comunidade, país ou nação.

A memória nos humaniza, ela tem a ver com a linguagem, a história e a narração (oral e escrita). E isso se deu, desde os tempos mais remotos, passando pelas nações da África e povos da



diáspora africana, autóctones ou indígenas no Brasil, etc por meio das suas memórias da ancestralidade, que narradas de geração a geração, mantinham-nas desse modo pela tradição oral no seu grupo social de pertencimento; bem como nas denominadas “civilizações” que tinham linguagem escrita própria – Egípcia (Norte da África), Fenícia, Grega, Chinesa, etc – que passaram a registrar suas histórias na argila, na cerâmica, na madeira, no papiro, no pergaminho e no papel.

(...) a história da memória, é afinal de contas, a história da liberdade. Das tribos paleolíticas às nações modernas, quem controla a memória detém o poder. Portanto, a história da memória – da evolução do cérebro humano, da invenção da linguagem escrita e da linguagem falada, da invenção de maneiras sempre novas de registrar as experiências, (...) – é também a história da libertação do espírito humano. Trata-se das memórias da memória e da democratização da recordação – e do seu controle (MALONE, 2014, p.13).

Assim, segundo Malone (2014), a pior coisa que pode acontecer ao ser humano é perder a memória, pois isso consistiria em perder sua própria identidade. E vai além, pois, as memórias fornecem não apenas a identidade, bem como a própria existência – e esquecer, ou ser esquecido, significa a própria morte. Portanto, precisamos preservar e manter viva a memória. Em outras palavras: “A memória é a guardiã de todas as coisas. Mas, no final, nós somos os guardiães da memória” (MALONE, 2014, p. 305). Por isso, não podemos nos esquecer de lembrar e registrar. Pois, a memória é a própria consciência crítica do humano histórico.

Maurice Halbwachs (1877-1945), foi um dos iniciadores do debate sistemático acerca dos estudos da memória coletiva. Em outras palavras, seu estudo trata da memória geracional e familiar herdada como “o laço vivo das gerações” (re)construída em meio a disputa e contradição no jogo da memória e da identidade. Nesse sentido, a memória geracional (individual/coletiva) se dá de mais fácil transmissão (HALBWACHS, 2006). Enquanto para Ecléa Bosi (1936-2017) dos estudos da psicologia social que se dedicou as memórias de velhos e leituras de operárias de fábricas, dentre esses dois grupos sociais estudados, eles representam os mais vulneráveis da metrópole: pessoas humildes, mulheres, trabalhadores mal-remunerados e idosos que estão imersos nas contradições sociais da cidade ao perderem suas referências de constituição em um tempo de alienação da consciência social de sua identidade.

Em “*Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*” (1987), a autora Ecléa Bosi em alusão a obra “*Memória Coletiva*” (2006) de Maurice Halbwachs afirma que a memória individual é também memória coletiva assim como “a memória grupal é feita de memórias individuais” (BOSI, 1987, p. 340). Portanto, há uma relação dialética entre memória coletiva e memória individual,



aquilo que nos parece unidade é múltiplo de relações e determinações. Enquanto na memória social quando institucionalizada pelo Estado burguês predomina a relação de poder tendencialmente voltada para a memória da classe dominante.

Joël Candau (2021), faz um apanhado da literatura francófona do entendimento acerca da memória e sua relação com a identidade, nesta obra o vínculo do autor é com a antropologia. Ele mantém a nomenclatura de memória geracional em Halbwachs, esmiuçando e classificando em três categorias: intrageracional, intergeracional e transgeracional. A primeira, memória intrageracional atua nos processos intraindividuais do pensamento e da memória entre as representações mentais. Por exemplo: as crenças, as intenções e as preferências.

Enquanto; a segunda, memória intergeracional, atua nos processos interindividuais entre as representações públicas de geração para a geração imediatamente posterior, embora possamos falar em segunda geração, terceira geração, etc. Exemplos de acesso a memória intergeracional: os sinais, os enunciados, os textos e as imagens. Porém, quanto mais distante se torna, mais vai deixando de ser intergeracional e adquirirá um estatuto transgeracional (CANDAU, 2021).

Em relação ao contexto educacional brasileiro no tempo presente, as diretrizes curriculares Resoluções nº2/2019 e nº1/2020 – Base Nacional Comum (BNC)-Formação Inicial e Continuada para Professores da Educação Básica (BRASIL, 2019, 2020) atrelada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC-2017/2018) vem se mostrando um grande impasse na história da educação brasileira contemporânea com fortes impactos para a Educação Básica. Pois, nunca uma proposta curricular havia adquirido um caráter prescritivo e impositivo de implementação de política pública educacional, desconsiderando completamente as particularidades de cada realidade concreta onde essa formação efetivamente acontece.

Com isso, têm-se servido de mote de oportunismo por parte dos conglomerados educacionais que continuam a frente das decisões do Ministério da Educação (MEC) impondo enlatados e descartáveis propostas pedagógicas para poder continuar dominando o Ensino Superior e a Educação Básica na promoção de um trabalho docente cada vez mais precarizado, terceirizado e plataformizado. Por isso, precisamos fomentar a memória intergeracional crítica como ato de luta e resistência que tem a tarefa hercúlea de combater o modelo educacional neoliberal e a desfascistização em nível político, comunicacional e educacional no Brasil de hoje.

Por isso, é muito mais que pensar meramente em técnicas, metodologias e conteúdo de ensino sob a égide de um objetivismo acrítico e mecanicista; e sim, se comprometer efetivamente



com a transformação da realidade desse mundo real, além de ir se constituindo como um sujeito histórico de ação cultural com autoria e produção de conhecimento. “Para o educador humanista ou o revolucionário autêntico, a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles com os outros homens e não estes” (FREIRE, 2020a, p. 117).

Diante disso, precisamos formar na sociedade homens e mulheres de ciência que façam análises críticas da realidade concreta para poder transformá-la, indo assim além das aparências. Paulo Freire pode ser considerado nesses termos um “memorialista intergeracional crítico” que reflete e teoriza sobre a prática das tramas vividas a partir da leitura crítica do mundo ancorado em vasta bibliografia. Com as suas próprias palavras, ele evoca: “Nesse esforço de relembrar momentos de minha experiência que necessariamente, não importa o tempo que se deram, se constituíram como fontes de minhas reflexões teóricas” (FREIRE, 2020b, p. 37).

Em síntese, procuramos reunir com esses autores no que diz respeito a memória e história, principalmente com o trabalho teórico conceitual acerca da memória em Maurice Halbwachs, Joël Candau e Paulo Freire, a busca por compreensão das dimensões: memória da formação, memória política e memória do trabalho docente diante de um contexto autoritário da história recente da educação brasileira para mostrar que tudo isso faz parte da memória intergeracional crítica, às vezes marcada por abismos geracionais. Mas, se posta de uma maneira “natural” e “espontânea”, tornar-se-á possivelmente um epifenômeno das narrativas entre a memória e o esquecimento com perigo de se reviver o desastre e a barbárie devido à amnésia cultural e social (apagão geracional) engendrado nesse processo de estranhamento e alienação da realidade histórica e social.

UM CAMINHAR TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

Marxismo, Materialismo Histórico e Memória

O debate sobre a memória social propriamente dito foi iniciado com os estudos clássicos de Henri Bergson e Maurice Halbwachs “com profundo impacto na sociologia, na historiografia e na filosofia, sem receber nenhuma contribuição significativa do marxismo” (TRAVERSO, 2021, p.109). Por conseguinte, a institucionalização e consolidação desses estudos da memória e tradição é um campo com vastas contribuições da literatura francófona da História do Tempo Presente pelo *Institut d’Histoire du Temps Présent* (IHTP) que foi criado em 1978 como parte do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNPC) da França.



Esse período é denominado de virada narrativa (afetiva) com ênfase na função primordial do narrar enquanto produção do conhecimento histórico *a priori* em conflito com as teorias marxistas. Por isso, qualquer tentativa de conciliação da importância da linguagem como elemento fundante do ser social mediado pelas experiências vividas nas interpretações sobre o passado recente entre dominados e explorados para a Teoria da História e Historiografia se tornou motivo de disputa polêmica para a escola francesa da História do Tempo Presente. No entanto, nas investigações que levam em consideração a emancipação humana para a transformação social, não podemos desprezar os argumentos de lutas de classes da tradição marxista.

A perspectiva do marxismo processa seu conceito de memória, história e história educacional vinculado a um presente histórico que deve ser transformado socialmente enquanto ciência humana e social do proletariado - da classe trabalhadora. Apresenta um posicionamento político comprometido com esta transformação estrutural da sociedade, operando com um conceito-chave do devir para capturarmos às contradições impressas no tempo presente. Apontar a problemática das crises da cultura, das crises da identidade sem apontar a causa maior de base estrutural, não nos parece um caminho de elucidação do fenômeno histórico-educativo em estudo que tratam das memórias da docência no tempo presente (formação, política e trabalho) em uma perspectiva da formação crítica de professores.

É precisamente sobre a concepção do homem como ser prático e social que repousa a ideia capital do trabalho como forma modelar da práxis; vale dizer, o único modo de criação, é precisamente a partir dessa concepção que Marx elabora a sua teoria da história. Nela se ancoram todas as demais categorias nucleares com que Marx opera, entre as quais destaco as de totalidade, negatividade e mediação, sinalizando o fato de que há uma enorme riqueza categorial na obra de Marx que é, talvez, entre os autores da modernidade, aquele que mais construiu categorias. (...) Repito, porém, que todas as categorias só adquirem o seu estatuto concreto se portadas pela práxis (NETTO, 2010, p. 60).

A relação entre trabalho, memória e história é parte fundante da emancipação do ser social, assim como a linguagem, a sociabilidade, a educação, a religião, a política, o direito, a ciência, a história, a filosofia, etc. Esse processo de historicidade dialética está em estado do devir (vir-a-ser), pois só se realiza mediante a compreensão e a crítica do que acontece no momento presente para entendermos as relações sociais na qual esse humano histórico enfrenta o domínio do capital. Com isso, nas lutas e resistências dos sujeitos políticos e sociais, há batalhas permanentes para superar as desigualdades sociais engendradas contra essa classe trabalhadora oprimida e explorada em um mundo capitalista predatório que degrada a natureza, os sonhos e a vida da humanidade.



Contexto de Pesquisa

O universo da pesquisa contempla os professores que atuam na rede pública municipal, estadual ou federal da região da Paraíba e Pernambuco. O primeiro contato é feito por meio de telefone celular, figurando como contato inicial, em seguida, envio de *email* anexado o RCLE (Registro de Consentimento Livre e Esclarecido) e o Consentimento Livre e Esclarecido para coleta de assinatura e aceite para participação da pesquisa.

Com isso, realizamos entrevistas semiestruturadas audiogravadas via *google meet* com 8 docentes de Matemática que atuam ou atuavam na Educação Básica acerca de suas trajetórias formativas, de inserção e desenvolvimento da carreira docente. Segundo critério de que todos eles tenham formação inicial em Licenciatura Plena em Matemática e terceiro critério que tenham data de nascimento compreendida entre os anos de 1970 e 1985.

Portanto, a formação e atuação docente dos participantes da nossa pesquisa ocorreu a partir da década de 1990 do século XX até os dias atuais. Os docentes de Matemática e/ou Educação Matemática com os quais realizamos entrevistas semiestruturadas possuem atuação na docência em diversos espaços educativos durante o seu processo de profissionalização, mas obrigatoriamente atuam e/ou atuaram na Educação Básica. Além de possuímos familiaridade contextual dessas vivências, práticas educativas (experiências), enfrentamentos dos problemas e desafios dessa classe de trabalhadores em educação.

Procedimentos e Análise de Dados

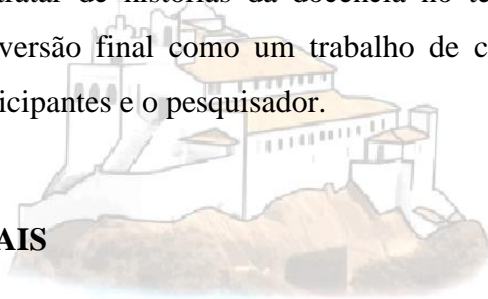
Para atender a este processo investigativo, a entrevista semiestruturada é uma dentre outras que se oferece como um instrumento de pesquisa considerado adequado para realizarmos pesquisa sobre histórias de formação, inserção e atuação docente com memórias narrativas que se relacionam com episódios da história no tempo presente. A entrevista semiestruturada é uma técnica para produzir histórias em aberto, ou seja, ela é responsável pela geração de dados, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer livremente sem se prender à indagação formulada (DESLANES, GOMES, MINAYO, 2013).

Após a realização da entrevista semiestruturada que foi gravada, seguem-se os procedimentos analíticos iniciais denominados de transcrição, textualização e transcrição das



entrevistas. O processo de produção textual começa a partir das fontes orais fornecidas pelos participantes da entrevista – levantamento dos dados que foram registrados seguido de tratamento - faz parte do modo de investigação apriorístico (produção dos dados brutos *a priori*). Enquanto o texto na versão final faz parte do modo de exposição que vai aparecer na tese (produção dos dados refinados a ser analisada e interpretada dialeticamente *a posteriori*). “A segunda fase da investigação, começa precisamente quando os investigadores, com os dados que recolheram, chegam à apreensão daquele conjunto de contradições” (FREIRE, 2020a, p. 150).

Em seguida, devolveremos os protocolos das entrevistas para os participantes de maneira que eles possam ler, revisar, acrescentar ou retirar partes que não estejam de acordo. Com isso, mediante a anuência do entrevistado podemos expor o texto na sua versão final. Assim garantiremos a ética da investigação com a autorização dos entrevistados sobre a divulgação ou não das suas memórias narrativas. Além de adotarmos nomes fictícios (pseudônimos) da escolha dos entrevistados por se tratar de histórias da docência no tempo presente. Dessa maneira, podemos considerar essa versão final como um trabalho de coautoria porque foi construído conjuntamente com os participantes e o pesquisador.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os assuntos tratados pelos professores nas entrevistas semiestruturadas são naturalmente relatados em forma de denúncias e anunciações em relação aos aspectos da práxis humana (ato de ação-reflexão) que dependem da transposição de vivências e experiências (produção e reprodução dos modos do ser social/modos de vida) relacionadas à história e o tempo presente refletidas sobre um passado recente. Além de projeções acerca do futuro imediato, atribuindo ao sujeito a construção da sua própria história profissional da docência a partir do presente. Dessa maneira, vai auxiliar-nos na compreensão da história profissional da docência com suas lutas e resistências no tempo presente; bem como, na promoção de reflexão afetivo-crítica e no fornecimento potencial de transformação social, política e cultura da docência em Matemática.

Dessa forma, há possibilidade de alargar o método para identificarmos as marcas das subjetividades com a noção de memória intergeracional crítica trazendo as questões de opressão (gênero, etnia, raça, etc) e exploração que estão todas interconectadas às lutas de classes de modo



a prospectar uma compreensão das dimensões histórica, política, social e cultural que cercam a formação, inserção e profissionalização da docência. Portanto, “ao problematizar-lhes uma situação concreta, eles começam a perceber que, a análise desta situação se vai aprofundando, terão de desnudar-se de seus mitos, ou afirmá-los” (FREIRE, 2020a, p. 211).

Para Marx (2011, p. 54), ele nos diz que: “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade na diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como síntese, como resultado, não como ponto de partida da intuição e da representação”. Com efeito, o entendimento de tais contradições nos servirão de direcionamento na elaboração de sínteses das múltiplas relações e determinações (formação, política, trabalho, etc) a partir do tempo presente que vão nos orientar, mais adiante, na análise e interpretação da versão final do texto que fora produzido a partir das entrevistas semiestruturadas da docência em Matemática.

Por fim, a nossa investigação trata-se de análise e interpretação enquanto compreensão e explicação da totalidade das memórias intergeracionais das narrativas críticas desses professores ao adotarmos a dialética marxista. Pois, se tomarmos este processo concreto de modo isolado - fora de contexto - , seria apenas uma apreensão de um abstrato, um mero artefato ou instrumento metodológico não pensado concretamente nem refletido criticamente.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2 ed. São Paulo: T.A Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. (Biblioteca de Letras e Ciências Humanas. Série 1ª – Estudos Brasileiros. v. 1).

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional para a formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, 2019. Disponível: <normativasconselhos.mec.gov.br> Acesso em: 28 de ago. 2022.

BRASIL, **Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). Brasília, 2020. Disponível: <normativasconselhos.mec.gov.br> Acesso em: 28 de ago. 2022.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. 1 ed. 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.



- CASTRO, Carlos Henrique Silva de. **Pós-memória e educação do campo**: relatos sobre autoritarismo e colonialidade. Diamantina: UFVJM, 2020.
- DESLANES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MYNAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 33 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 73 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 27 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
- GRILLO, Rogério de Melo; GRANDO, Regina Célia. Ludopolítica: a ditadura da ludicização. In: **Brazilian Journal of Policy and Development**, v.3, n.3, p.145-163, 2021.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Hoaiss de Lexicografia e Bancos de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MALONE, Michael S. **A guardiã de todas as coisas**: uma história épica e biográfica da memória humana: do surgimento do homem à Era da superinformação. Tradução: Claudia Gerpe Duarte, Eduardo Gerpe Duarte. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Supervisão editorial: Mario Duayer. Tradução: Mario Duayer, Nélio Schneider (Colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.
- MATTOS, Andréa Machado de Almeida. *In memoriam*: história, memória e pós-memória no Brasil de hoje. In: **Revista X**, v.15, n.4, p.15-20, 2020. <<http://revistas.ufpr.br>>. Acesso em: 04 set. 2022.
- MATTOS, Andréa Machado de Almeida; CAETANO, Érica Amâncio. Memory, postmemory and critical language teacher education. In: **Analecta Política**, v.8, n.15, p.235-254, 2018. D.O.I.: <<https://dx.doi.org/10.18566/apolit.v8n15.a04>>. Acesso em: 04 set. 2022.
- MATTOS, Andréa Machado de Almeida; CAETANO, Érica Amâncio. Memória, pós-memória e formação crítica de professores de línguas. In: **Línguas & Letras**, v.20, n.46, p. 167-186, 2019. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br>>. Acesso em: 04 set. 2022.
- NETTO, José Paulo. Relendo a teoria marxista. In: SAVIANI, Dermeval; LOBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). **História e história da educação**: o debate teórico-metodológico atual. 4 ed. Campinas (SP): Autores Associados: HISTEDBR, 2010. (Coleção Educação Contemporânea).
- TRAVERSO, Enzo. **Melancolia de esquerda**: marxismo, história e memória. Tradução: André Bezamat. Belo Horizonte (MG): Editora Âyiné, 2021.
- YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno. Revisão Técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 54-58.

